
O QUINTO ENCONTRO INTERECLESIAL DE COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE

Canindé, CE, 4 a 8 de julho de 1983

Muito bem preparado e organizado pelas CEBs regionais do Ceará e do Maranhão, teve lugar na cidade de Canindé (Ceará) de 04 a 08 de julho deste ano, mais um Encontro Intereclesial das CEBs. Ficou determinado que o número de participantes seria 20 por regional da CNBB, dos quais 17 seriam das bases e 3 agentes de pastoral; tais representantes seriam eleitos no Encontro Regional, devendo ser pessoas que estivessem dentro da caminhada das CEBs, comprometidas com as lutas do povo e dispostas a comunicar às comunidades as discussões e as decisões do Encontro. Deste modo estavam presentes representantes vindos dos mais diversos e distantes pontos do país, abrangendo quase 250 pessoas; juntavam-se a elas mais de 30 bispos, 60 agentes de pastoral, 15 assessores, 16 observadores (alguns vindos do exterior), pessoal da imprensa e equipe de serviços, totalizando quase 500 participantes. A escolha do local não poderia ter sido mais feliz; tratando-se de uma conhecida cidade de peregrinação popular oferecia ela a necessária infra-estrutura; por estar situada no sertão cearense, num contexto de seca e de pobreza, a simplicidade do ambiente deixava o povo muito à vontade. De fato, o entrosamento fácil e sincero entre homens e mulheres das mais diversas regiões, etnias e culturas, foi uma das características marcantes do Encontro.

Mais remotamente foi este Encontro preparado a partir das próprias CEBs, pelo estudo em comum do tema central e pelas sugestões então apresentadas do que deveria ser objeto de reflexão e debate no Canindé. Tais subsídios foram devidamente considerados pela equipe coordenadora quando teve que planejar a abordagem do tema-base: "CEBs: povo unido, semente de uma nova sociedade". O respeito pela livre expressão das CEBs não se limitou entretanto à preparação; elas tiveram também a coordenação do Encontro, a maioria nos grupos de estudo e nos plenários bem como a oportunidade de acesso ao microfone para manifestarem as próprias opiniões ou as inquietações e esperanças das respectivas comunidades. Também não poderíamos deixar de mencionar a participação ativa do povo simples e sofrido nas orações comunitárias e nas celebrações litúrgicas, seja na preparação, seja na própria execução; em decorrência disto houve

uma identificação muito grande entre as expressões de fé de um lado, e a linguagem e a vida dos fiéis de outro. O fato desta liberdade de expressão por parte das bases reveste-se de enorme importância na avaliação das conclusões dos grupos ou das posições dominantes dos plenários. Pois as CEBs representam realidades, por vezes, bem diversas e em contínua evolução, plantadas em contextos diferentes, agrário ou urbano, coladas aos problemas concretos do dia-a-dia, rebeldes a se deixarem fixar na transparência de um conceito, alvo de interpretações emotivas e contraditórias. Daí a importância única deste Encontro: nunca anteriormente tiveram as CEBs uma representatividade tão real e objetiva, aliada a tal liberdade de palavra; portanto, ao exprimir o que crê e o que pensa, ou mais simplesmente, como compreende a si própria, tal como se deu neste Encontro, não deixa tal manifestação de revestir-se de um valor heurístico que todos devemos acatar.

Vejamos como transcorreu o encontro. Depois da celebração de abertura na própria noite da chegada, em que se procurou relacionar este encontro com os anteriores, para manter viva a memória histórica da caminhada empreendida até então, dedicou-se o primeiro dia a uma troca de experiências sobre as condições de vida do povo brasileiro e sobre suas reações diante desta difícil situação. No plenário as conclusões dos grupos de trabalho puseram diante de todos, num quadro realista e sem retoques, o outro lado do modelo econômico brasileiro, através do testemunho dos próprios atingidos pelo seu impacto: concentração da terra, invasão do grande capital, migrações, favelas, bóias-frias, desemprego, violência policial, fome, decomposição da família, falta de escolas e de assistência médica, corrupção, indústria da seca, arrocho salarial, prostituição, exploração do trabalho do menor, etc. Diante desta realidade eram, naturalmente, desproporcionais as reações do povo; contudo não deixou de chamar a atenção de todos o surgimento de movimentos e associações populares, que buscam, pela conscientização e pela organização, atenuar e impedir as conseqüências brutais de uma política voltada para o lucro e não para o homem. Aí se pode manifestar clara a criatividade e a solidariedade do povo simples, bem como a presença constante das CEBs, da CPT, da CPO e de outras organizações. Cada iniciativa que conseguira se concretizar, mesmo em dimensões modestas, era vista como uma semente para a nova sociedade.

O segundo dia foi consagrado aos motivos que levam as CEBs a lutar por uma nova sociedade. Houve primeiramente debates nos grupos, e em seguida, no plenário, cada um dos 25 grupos apresentou o motivo que lhe pareceu mais importante. Momento decisivo do

encontro, e mesmo da própria história das CEBs. Com toda a liberdade de expressão de que gozavam os participantes, e da qual mostravam a cada passo muita consciência, emergiu claramente deste plenário a motivação evangélica como razão última de toda a luta das CEBs. Foi uma unanimidade esmagadora, afirmada, proclamada, repetida, acentuada e confirmada, conforme iam-se sucedendo as apresentações dos grupos. Variavam as formulações, mas todas brotavam da mesma fonte. Vejamos algumas delas: "a atual sociedade é contrária à sociedade proposta pelo Evangelho", "o exemplo de Jesus Cristo e dos primeiros cristãos", "o projeto das CEBs é o projeto de Deus", "Deus quer a vida e a sociedade atual gera a morte", "neste não dá para viver do jeito que Deus quer", "Deus é Pai e somos todos irmãos", "o Espírito de Deus age nos homens para construir uma nova sociedade". Por ocasião da tribuna livre ficou ressaltada a importância que os participantes dão à presença e ao apoio das autoridades eclesiais, cuja omissão era sentida com dor e perplexidade.

O terceiro dia concentrou-se na reflexão sobre as saídas para se chegar a uma nova sociedade. Constituíram-se 6 grandes grupos (alguns divididos em subgrupos) que deveriam oferecer sugestões respectivamente frente ao problema da terra, ao desemprego e subemprego, aos grandes projetos governamentais, à seca e à fome no nordeste, à participação política e à atuação da Igreja. Ultrapassaria os limites desta breve comunicação relatar as muitas sugestões expostas em plenário; naturalmente alguns grupos foram mais ricos do que outros. No que diz respeito à atuação da Igreja as propostas convergiram na linha de uma maior comunhão e participação.

Finalmente no quarto dia pela manhã os grupos debateram a contribuição específica das CEBs para a construção da nova sociedade. As numerosas respostas dos 25 grupos foram sintetizadas por 5 grandes grupos, com grande sintonia em apresentar como próprio das CEBs a referência explícita ao Evangelho, à visão do homem dada pela fé, ao plano de Deus sobre o homem e a sociedade. As CEBs foram vistas também como o lugar onde podem ser vividos os valores da nova sociedade, onde se haure força e esperança para a luta, onde se celebra a fé e o amor e onde se estimulam outros ao amor fraterno. Emergiu ainda com clareza a função crítica das CEBs com relação aos movimentos populares, que devem ser avaliados à luz da fé em Jesus Cristo.

Refletindo sobre estes três dias e meio, intensamente vividos por todos os participantes, sintetizaríamos seu significado em duas palavras: clarividência e celebração. Como realidades dinâmicas, em contínua evolução, apresentando fenotípias regionais diferenciadas,

exigem as CEBs, de tempos a tempos, uma parada, para se ter uma idéia de sua real situação. E o Encontro Intereclesial, pela representatividade de seus participantes, prestou-se a isso admiravelmente. Por outro lado as CEBs, em sua fraqueza e falta de recursos, muitas vezes isoladas e carecendo do apoio necessário, combatidas pelos mais poderosos e violentos, têm, nas celebrações de suas lutas, sofrimentos e vitórias, marcos decisivos para o prosseguimento de sua caminhada. As liturgias da Palavra, as celebrações eucarísticas, os comoventes testemunhos de fé e de esperança, a vivência fraterna que predominou nestes dias, a comunhão nas dores e na alegria pela identidade dos problemas, tudo isso fez deste Encontro uma grande celebração, que fortaleceu a fé, a esperança e a caridade dos que lá estavam. O número elevado dos participantes e o limite de tempo não permitiram um estudo mais sério e mais aprofundado dos temas; talvez devessem, para o futuro, tais reflexões ter lugar nos encontros preparatórios nos respectivos regionais, reservando-se para o Encontro Intereclesial os dois objetivos acima mencionados.

A repetição constante das dificuldades concretas e dramáticas do povo brasileiro, a denúncia de suas causas e o espírito de luta por uma sociedade mais justa e cristã poderiam levar um observador superficial a crer num predomínio do discurso político sobre o discurso da fé. Impressão falsa, já que o levantamento da sofrida situação do povo (ver) era avaliado sempre à luz do Evangelho (julgar e agir), lido, explicado e rezado nas humildes comunidades por este país afora. Aliás, o mesmo se passa nos movimentos mais de classe média, só que aí as dificuldades referem-se mais à vida familiar e afetiva, enquanto os problemas dos pobres são muito mais essenciais e urgentes. De qualquer modo ficou claro neste Encontro que as CEBs não abrem mão de uma atitude crítica, inspirada no Evangelho, diante dos movimentos populares, vendo-a como elemento constitutivo de sua identidade.

Também a impressão de um certo pelagianismo populista revela-se inconsistente. O reino de Deus, embora nos seja dado gratuitamente na vida, morte e ressurreição de Cristo, não dispensa a colaboração do homem para sua realização. Esta colaboração sempre se deu na história do cristianismo e ninguém até hoje se chocou com isto. O que há de novo hoje é a consciência dos oprimidos, de que eles mesmos devem ser os protagonistas de sua libertação, lutando pela realização mais plena e efetiva do reino de Deus. Naturalmente este fato é determinante para seu discurso, brotando daí palavras como conscientização, organização, luta, etc. Além disso a colaboração do homem para o plano salvífico de Deus limitou-se no passado, ao me-

nos em sua tematização teórica, aos esforços do indivíduo pela vinda do reino, enquanto que hoje esta resposta do homem é vista também em sua dimensão social. Este dado novo pode causar estranheza a muitos, seja em virtude de uma visão teológica tradicional e incompleta, seja pelos próprios condicionamentos de ordem sociológica. O que ficou evidente deste Encontro foi a concepção unitária de natureza e graça, por parte dos membros das CEBs aí presentes, não enquanto explicitada teoricamente, mas enquanto vivida. O espiritual não se encontra separado do humano, mas aparece como luz, força e sentido para o compromisso com o irmão. Os sinais da salvação são devidamente des-absolutizados e, sem perder sua importância única, voltam a ser o que realmente são. A salvação reencontra o seu lugar, de onde nunca deveria ter saído, na arena da vida, na práxis cristã do homem. Há aqui uma visão nova e muito significativa, que as CEBs estão introduzindo no catolicismo popular, ainda preso a um certo dualismo, já superado na teologia, mas ainda resistente nas práticas do catolicismo tradicional.

Mário de França Miranda S.J.
Caixa Postal 5047 (Venda Nova)
30000 Belo Horizonte-MG